



APONTAMENTOS FILOSÓFICOS SOBRE O AMOR: DA CRÍTICA AO EROS ÀS CONCEPÇÕES DAGARA

Jeniffer Regina Rodrigues de Lima (NEPRE/UFMT) –jenifferegina@gmail.com
GT 15: Relações Raciais e Educação

Resumo:

Este artigo é parte de um TCC apresentado ao curso de Filosofia da UFMT em 2016 e tem por objetivo discutir o tema do amor no contexto das relações raciais, tão pouco problematizado na vida cotidiana e no campo educacional. Para fazer tal discussão, partimos da problematização de como o tema é abordado nos livros didáticos de Filosofia, denunciando a forma eurocentrada e universalista de amor segundo os gregos. Após a problematização dos livros didáticos *Filosofando* e *Para Filosofar*, apresento uma crítica à ideia de amor romântico presente no ocidente por meio do Livro *O Espírito da intimidade* de Sobonfu Somé. Sobonfu compartilha os ensinamentos da tribo Dagara sobre formas de se relacionar, destacando o relacionamento como parte da comunidade e guiado pelo espírito. Em seu livro, a autora faz a distinção entre o amor do alto da colina e o amor embaixo da colina, procurando também estabelecer a sua crítica ao amor romântico. O amor do alto da colina começa sem ter espaço para crescer, é o amor movido pela paixão. Já o amor que começa embaixo da colina é um amor que se inicia movido pelo apoio da comunidade, tendo como guia o espírito. Pensar o amor através da obra de Sobonfu Somé nos permite compreender que a ideia de amor não é universal, mas é compreendida de formas diferentes em várias culturas.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Amor.

1 Introdução

Este artigo é fruto do meu trabalho de conclusão de curso apresentado em 2016 ao curso de Filosofia da UFMT. O tema escolhido foi amor no contexto da Educação das Relações Étnico-Raciais. Compreendendo por meio da lei 10.639/03 que determina o estudo da História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todo o currículo nacional, a necessidade do combate ao racismo epistêmico presente na educação. Desta forma, busco primeiramente problematizar como o amor é retratado em alguns livros didáticos e, em seguida, apresentar o pensamento da filósofa Sobonfu Somé e a sua contribuição sobre o amor. Tudo isso compreendendo que, no campo social, a educação atua como fator importante para pensarmos as nossas ações, mais ainda nas aulas de Filosofia por ser um local onde se privilegia a reflexão filosófica sobre temas que fazem parte do cotidiano; e também por estar me formando enquanto professora naquela época.

A relevância da pesquisa consiste no fato de que o amor faz parte da realidade cotidiana e sociocultural, em alguns momentos considerado como resultado automático

das relações sociais. Por este motivo, talvez seja comum pensar que não é necessário refletir sobre ele, porém, o mesmo estabelece a forma como nos relacionamos em sociedade. Outro fator de relevância da pesquisa é a necessidade de problematização do eurocentrismo na Filosofia e a necessidade de inserção da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, como determina a lei 10.639/03.

Nos dias atuais, o tema “amor” ainda é recorrente e aparece também nos currículos escolares como um dos temas filosóficos, compondo, inclusive, alguns livros didáticos. Quando se fala sobre amor nestes livros, é importante destacar que são apresentadas apenas as três divisões gregas: *eros*, *philia* e *ágape*.

Considerando o eurocentrismo na filosofia, apresento aqui, a partir de Sobonfu Somé, uma nova visão do amor, livre da carga do Eu romantizado e do individualismo ocidental. É importante compreender que, tal como existe uma tradição europeia que debate entre si a questão do amor, também existe uma tradição filosófica africana.

Longe dos amores românticos e das paixões avassaladoras, Sobonfu Somé mostra um amor baseado no contexto espiritual, no apoio comunitário, nas práticas ritualísticas, onde se preza a identidade do parceiro e o seu benefício para a comunidade. O objetivo, portanto, será mostrar, após a análise dos livros didáticos, o livro “O Espírito da intimidade”, trazendo alguns aspectos dessa cosmovisão africana, inclusive a crítica à forma de amor da cultura ocidental. Deixemos o “espírito” nos guiar para o lugar do conhecimento Dagara sobre o amor.

2 O amor nos livros didáticos

Apesar das inúmeras conceituações sobre amor nas diferentes culturas e do seu sentido que por muitas vezes nos escapa, nos dois livros didáticos de Filosofia que serão destacados a seguir, apresenta-se uma discussão filosófica sobre o amor que é exclusivamente europeia. Os livros *Filosofando* (ARANHA; MARTINS, 2009) e *Para Filosofar* (CORDI et al, 2007) quando definem este sentimento, apresentam a perspectiva grega sobre amor e suas três divisões: Eros, Philia e Ágape.

- **Eros:** amor erótico, se refere às relações amorosas propriamente ditas. Envolve o desejo, a busca de fusão e desenvolvimento a dois. Esse tipo de amor requer exclusividade e reciprocidade. Ao contrário da tradição filosófica que define o homem como um ser racional, poderíamos vê-lo também como “ser desejante” tal

é a força dos impulsos e a intensidade da busca pelo prazer na conquista do ser amado.

- **Philia:** Do grego, é traduzido geralmente por “amizade”. Amor entre familiares ou entre membros de uma comunidade. Os elos que perpassam esse tipo de amor são: generosidade, desprendimento e reciprocidade.
- **Ágape:** Do grego, significa “amor fraterno”. Esse termo se referia às refeições fraternais entre os cristãos primitivos, nessas refeições se reuniam ricos e pobres, por esse motivo surgiu o termo “caridade”, “amar ao próximo como a si mesmo”. Este amor não espera retribuição.

Estas três concepções de amor apresentadas nos mostram como a discussão filosófica é eurocentrada e destaca a importância da Grécia para a história da Filosofia, sendo considerada, inclusive, o berço do pensamento filosófico. Das definições apresentadas destaco o *Eros*, amor romântico, por se tratar de um ideal que faz parte da sociedade e por serem as relações amorosas propriamente ditas, considerado necessário ao ser humano e uma possível superação da solidão.

Um ser humano racional que toma consciência de si e do mundo, percebe que a vida solitária é insuportável e necessita de algum tipo de salvação dessa prisão para unir-se aos demais humanos e ao mundo exterior. É dessa necessidade de integração que nasce o amor sexual. Ideia presente no “mito do andrógino”.

Segundo Platão, filósofo da Grécia antiga, no início da humanidade os seres humanos possuíam uma forma diferente, eram seres de quatro braços, quatro pernas, dois rostos, compartilhavam do mesmo sexo e possuíam uma forma arredondada. Havia três tipos de seres humanos, o macho, a fêmea e o andrógino, que compartilhava de ambos os sexos (PLATÃO, 2010).

Os seres humanos, que eram dois, possuíam grande força, tal como a ideia presente no imaginário social de que uma pessoa precisa sempre fazer parte de um casal para ser mais forte. Voltando ao mito, o fato de apresentarem grande força levou-os a conspirar contra os deuses, tentando fazer uma escalada rumo aos céus com o objetivo de atacá-los, fato que gerou ira em Zeus e outros deuses. Após se reunirem em conselho, decidiram aplicar um castigo aos seres humanos.

“Penso que tenho um plano que sem determinar a cessação da existência do ser humano, dará fim à sua iniquidade através de uma redução de sua força.

Proponho que cortemos cada um deles em dois, de modo que ao mesmo tempo que os enfraqueceremos, os tornaremos mais úteis em função de sua multiplicação; andarão eretos sobre duas pernas. Se mesmo assim continuarem revoltosos e não se aquietarem, repetirei a ação”, disse ele (PLATÃO, 2010, p. 59).

Aplicado o castigo e adquirindo uma nova forma absolutamente diferente da forma natural, os seres humanos começaram a sentir falta da sua outra metade. Agora, divididos em dois, se abraçavam desejando reintegrar-se novamente à sua outra metade.

Ora, como a forma natural fora cortada em dois, cada metade passou a sentir falta de sua outra metade, no desejo de reintegrá-la, e assim enlaçavam-se com seus braços, nesses amplexos, ansiando por serem unidos. Assim aconteceu até que começaram a morrer vitimados pela fome associada ao ócio generalizado por se recusarem a qualquer atividade solitária (PLATÃO, 2010, p. 60).

Vendo o sofrimento dos seres humanos, Zeus se compadeceu e teve um novo plano. Segundo o mito, é nesse momento que o amor sexual (Eros) é incutido em toda a humanidade, trazendo de volta a condição natural anterior e os transformando em um só, curando a ferida da natureza humana.

Portanto, cada um de nós não passa de uma metade que combina de um ser humano inteiro, uma vez que todos exibem, como o peixe chato, os vestígios de ter sido cortado em dois; e cada um se mantém à procura da metade que combina (PLATÃO, 2010, p. 61).

A ideia de alma gêmea influenciou a nossa sociedade e permanece no imaginário social como um ideal a ser alcançado por muitas pessoas. Nas mídias, seja em músicas, filmes, séries ou novelas, também temos vários exemplos. Cito a música *Alma gêmea* do Fábio Junior, a novela *Alma gêmea* da globo e a série recente da Netflix *The one*. *Eros* aparece constantemente nos filmes românticos e em outros vários gêneros que investem na história de algum casal apaixonado para vender melhor a história.

Sobre a presença desse discurso sobre o amor no livros didáticos através da definição platônica, concordo com Souza e Alves (2020) quando dizem que essa discursividade, levando em consideração os princípios platônicos, representa uma legitimidade hegemônica sobre as formas de amar na modernidade e uma suposta universalidade e a exclusão de outras formas de conhecer.

É esta ideia de alma gêmea e amor romântico que influencia a nossa cultura - e permanece através do currículo e livro didático de Filosofia - que será criticado pela filósofa Sobonfu Somé no livro “O espírito da intimidade”, como veremos a seguir.

3 Crítica ao amor romântico e o amor segundo os Dagara

A ideia de amor romântico presente na filosofia platônica e que foi apresentada anteriormente é criticada por Sobonfu Somé em seu livro *O espírito da intimidade*. Nele, a autora destaca os problemas de um relacionamento que tem como base a paixão e apresenta uma visão de amor e relacionamento com base na cultura Dagara. Antes de adentrarmos nestas questões, é importante compreendermos que,

Em 1882, quando o conselho europeu, na Bélgica, tentou dividir esse grande continente africano, acabou separando o povo Dagara em três nações diferentes. Algumas centenas de milhares de dagaras estão em Burkina Fasso; outras centenas de milhares, em Gana; e um número menor, na Costa do Marfim. Essa separação ocorreu como resultado da natureza arbitrária dos poderes coloniais, que não aceitavam as comunidades tribais como nações (SOMÉ, 2007, p. 15).

Esta divisão do povo Dagara pelo conselho europeu, teve como aparato a Filosofia Moderna e a ciência da época que fizeram diversas afirmações racistas para desqualificar as comunidades tribais como nação e como seres humanos. Vejam as obras de Kant (1993), Montesquieu (1996), Hume (2004) e Hegel (1999) e no esforços destes filósofos para destacar uma suposta inferioridade negra, em relação ao brancos. Voltando à população Dagara, a população foi dividida principalmente em países da costa oeste africana. Burkina Fasso, um dos lugares pertencentes ao povo Dagara e país onde nasceu Sobonfu, até 1984 possuía um nome colonial de “Volta Superior”. Após esse período, o governo decidiu mudar o nome para Burkina Fasso, que significa “a terra dos ancestrais orgulhosos” (SOMÉ, 2007).

Pelo nome escolhido, Burkina Fasso, podemos perceber a importância da ancestralidade para a cultura Dagara e também para as concepções de relacionamento. O próprio nome do livro “O Espírito da Intimidade: Ensinos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar” também destaca essa importância. Neste livro, a autora apresenta a cultura Dagara, suas concepções filosóficas de mundo - que mesmo após pressão colonial se manteve -, a importância da ancestralidade para os relacionamentos e para a comunidade e faz uma crítica à ideia de amor ocidental, problematizando a ideia de romance.

Romance significa esconder seu verdadeiro ser, para ser aceito. Começa com a pessoa fazendo todas as coisas pelo parceiro, negligenciando seus verdadeiros sentimentos, até chegar a um ponto de séria depleção (SOMÉ, 2007, p. 110).

Segundo Somé, ao condicionar o relacionamento ao romance, a cultura ocidental estimula falsas ações e a criação de outras personalidades para possibilitar a aceitação pelo ser desejado, seja de forma passageira ou duradoura, movidos também pelo impulso sexual. Um relacionamento que começa movido pela paixão, segundo a autora, é um relacionamento do alto da colina.

O alto da colina é a sensação gostosa de estar apaixonado. É claro, existe toda aquela dificuldade da paquera: é tão frustrante, você tem de encontrar a pessoa, depois fica com medo de não funcionar, de que algo vai dar errado. Eventualmente, porém, tudo funciona e parece o paraíso. Esse é um relacionamento do alto da colina (SOMÉ, 2007, p. 64).

Como visto no trecho do livro *O Espírito da Intimidade*, Sobonfu faz a diferenciação entre a concepção de amor da cultura ocidental e da cultura Dagara, através das ideias de amor do alto da colina e amor embaixo da colina. O amor movido pelo amor romântico, desejo, paquera é o amor que já começa no topo da colina e sem chances de crescimento por já estar na elevação máxima.

No entanto, um relacionamento precisa crescer e estar sempre em movimento. Se já estiver no topo, para onde irá? É muito difícil descobrir uma forma de continuar dando voltas no alto da colina. Assim, frequentemente, a coisa vai para baixo (SOMÉ, 2007, p. 64).

Diferentemente do amor romântico, o amor que não inicia movido pela paixão, é um amor que começa embaixo da colina. Neste movimento, quando duas pessoas, com apoio do espírito¹ e da comunidade, decidem se unir, estarão decidindo, sem impulso da paixão, a escalada do relacionamento.

No contexto da aldeia, no qual a comunidade dá apoio ao relacionamento entre duas pessoas, esse relacionamento começa embaixo da colina. Gradualmente, é empurrado, pela comunidade e pelo espírito, com o apoio do ritual, para cima. Assim, quando duas pessoas chegam ao topo, levam toda a comunidade junto.

Quando o amor inicia embaixo da colina existe um espaço para as pessoas se conhecerem, demonstrarem quem são, expor seus propósitos e decidirem se querem construir um relacionamento. Sempre tendo como base que o relacionamento tem como alicerces a comunidade e o espírito. E quando estes caminham em direção ao topo, leva também a comunidade.

Em um contexto tribal, como não é o romance que orienta o casamento, os parceiros conhecem a verdadeira identidade um do outro. Você conhece as forças e as fraquezas da pessoa com quem se casará. Dessa forma, não se pergunta, dez anos depois, se se casou com a pessoa certa ou com seu fantasma (SOMÉ, 2007, p. 85).

¹ Por espírito entende-se a força vital que há em tudo.

Sobonfu (2007), ao afirmar que um relacionamento que não inicia pela paixão permite o conhecimento das verdadeiras identidades, destaca uma outra forma de pensar o amor e a intimidade, compreendida pela autora como uma canção do espírito.

A intimidade, em termos gerais, é uma canção do espírito, que convida duas pessoas a compartilharem seu espírito. É uma canção que ninguém pode resistir. Acordados ou dormindo, em comunidade ou sozinhos, ouvimos a canção. Não conseguimos ignorá-la (SOMÉ, 2007, p. 25).

A união de um casal simboliza a união de dois mundos, dois propósitos, dois espíritos. O parceiro ou a parceira se casa com todo o grupo étnico, com toda a comunidade. É da união destes dois espíritos, nesse encontro de dois mundos, que nasce o Espírito da Intimidade que servirá, nas palavras da autora, como um barômetro do relacionamento e guia para compartilhar as experiências, inclusive a experiência sexual que, na cultura Dagara, é chamada de “viagem”.

O povo Dagara não tem uma palavra específica para se referir ao sexo. Expressamos o conceito de sexo como uma viagem com alguém. A pessoa não quer fazer sexo com outra; ela quer ir a algum lugar. Normalmente esse lugar é desconhecido para os dois. Conhecem, porém, alguém que o conhece - seja o espírito do avô, seus ancestrais, seu cão, seu gato, ou algum espírito que encontraram no curso de sua vida (SOMÉ, 2007, p. 98).

Diferente da conexão entre um casal através do amor romântico, como vimos no mito do andrógino, para os Dagara a conexão é estabelecida através dos rituais dentro do círculo de cinzas, guiados pelo espírito. Existe um ritual específico para cada coisa e ele abre o chamado do espírito. Conexões com espíritos ancestrais não quer dizer que sejam necessariamente ancestrais diretos. Pode ser uma árvore, vaca, cão, gato, o tataravô, etc. Na cultura Dagara qualquer ser que perdeu o seu corpo físico pode ser um ancestral.

A sabedoria africana consiste no fato de que não há separação entre natureza e política, poder e religião. Não há separação entre esses elementos tão importantes na sociedade, existe entre os africanos um princípio de integração onde inúmeros elementos se relacionam, um exemplo dessa não-separação são os palácios que se situavam no meio das florestas sagradas (MATTOS, 2012).

Diferente do Ocidente, essa integração social não prepara o africano para ser mais um indivíduo da sociedade, mas sim parte de um todo. Essa preparação se dá através de rituais religiosos de iniciação coletiva, dessa forma se constrói o sujeito. Os elementos da sabedoria africana são determinados a partir da relação entre a humanidade, a força sagrada e a natureza.

O pensamento da autora, além de trazer uma experiência rica e encantadora, nos mostra que o amor não tem uma definição universal e nem pode ter. A definição grega de amor é importante, mas incompleta, pois é restrita àquela cultura. Avaliando a complexidade desse sentimento, podemos pensar que existem inúmeras manifestações amorosas pelo mundo. Não podemos esquecer que é importante pesquisarmos sobre isso para podermos mostrar que o amor não tem uma definição universal.

4 Considerações finais

Esta pesquisa, como já dito anteriormente, corresponde a uma parte do meu TCC e me possibilitou compreender uma concepção de amor que representa nossa ancestralidade, pois a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira faz parte também da nossa matriz cultural e é componente curricular da educação básica.

Busquei compreender, partindo da análise dos livros didáticos de Filosofia *Filosofando* (ARANHA; MARTINS, 2009) e *Para Filosofar* (CORDI et al, 2007), quais as concepções de amor apresentadas neles e a crítica feita pela Filósofa Sobonfu Somé, como também a visão Dagara de amor.

Nos livros didáticos analisados, os únicos que trabalham o amor como tema filosófico, constatamos a presença exclusivamente da concepção grega de amor e suas divisões: Eros, Philia e Ágape. O Eros, considerado o amor que estabelece as relações românticas propriamente ditas, é considerado um ideal presente ainda nas sociedades ocidentalizadas e é retratado constantemente na mídia.

Segundo Somé (2007), a alegria de se estar apaixonado, ansiar por uma união, desejar possuir o outro e ser feliz (pensamento inicial de quem está apaixonado) é algo que precisa ser problematizado. Esta idealização, necessidade de que o outro corresponda a todas as nossas expectativas, gera a necessidade de que as outras pessoas se mascarem para corresponder ao ideal. Movidos pela paixão, segundo a autora, o casal inicia a sua jornada já no amor do alto da colina e não possuirá espaço para crescer.

Já o amor que começa embaixo da colina é o amor que não inicia movido pela paixão e, desta forma, não força a criação de máscaras para corresponder ao ideal. Cada um se mostra como verdadeiramente é, com base no chamado do espírito, desenvolvido e representado pela comunidade e na decisão se juntarão os seus propósitos em benefício

da comunidade. Este relacionamento, segundo Somé (2007), é um relacionamento que tem espaço para crescer.

Lendo o livro “O espírito da intimidade” e analisando o pensamento sobre o amor, concluí que a crítica feita ao amor romântico é maravilhosa. Cada palavra dita por Sobonfu Somé faz sentido quando analisamos nossas próprias relações. Por esse motivo e considerando a necessidade e o direito dos negros de se sentirem representados na cultura e no currículo, favorecendo a sua construção de identidade, pensar um amor que tenha outros fundamentos que não os eurocêntricos é essencial.

Destaco, por fim, a principal limitação existente na pesquisa que é a falta de bibliografia suficiente para dialogar melhor o conhecimento de Sobonfu Somé e aprofundar ainda mais na discussão. Ainda assim, acredito que pude mostrar o pensamento Dagara sobre amor e contribuir para a pluriversalidade no ensino de Filosofia.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à Filosofia.** – 4 ed. – São Paulo: Moderna, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília.** Outubro. 2004.

HEGEL, G. W. F. **Filosofia da história.** 2 ed. Brasília: EDUNB, 1999. 373p.

HUME, David. **Ensaaios morais, políticos & literários.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

KANT, I. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime.** Editora Papirus. 1993.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira/** 2 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

MONTESQUIEU. **O espírito das leis.** Tradução Cristina Murachco. – São Paulo: Martins Fontes, 1996. – (Paidéia).

PLATÃO. Diálogos V: **O banquete; Mênon (ou da virtude); Timeu; Crítias.** [Tradução, textos complementares e notas Edson Bini]. – Bauru/SP: EDIPRO, 2010. - (Clássicos Edipro).

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos.** Tradução Deborah Weinberg. - 2. ed. - São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

SOUZA, Monique Navarro. Discursividades amorosas: agenciamentos éticos africanos e descoloniais in ALVES, Miriam Cristiane (org). **A Matriz Africana: Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas** - 1 ed. - Porto Alegre: Rede Unida, 2020.

CORDI, et al. **Para filosofar.** – Ed. Reform. – São Paulo: Scipione, 2007.